Caindo na rede social

UMA PESQUISA REALIZADA RECENTEMENTE PELO CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (CETIC.BR) MOSTROU QUE OITO EM CADA DEZ ADOLESCENTES BRASILEIROS ESTÃO NAS REDES SOCIAIS. COM A CHEGADA DAS FÉRIAS, ESSES JOVENS — MUITOS COM SEU SMARTPHONE EM MÃOS E, PORTANTO, ACESSO 24 HORAS POR DIA À INTERNET — GANHAM TEMPO DE SOBRA PARA COMPARTILHAR FOTOS, FOFOCAS E COMENTÁRIOS NO FACEBOOK, NO TWITTER, NO GOOGLE+.

Os pais empenhados em garantir a segurança dos filhos devem pôr a mão na massa. "Eles não precisam ser usuários assíduos das redes sociais, mas têm a obrigação de conhecê-las para entender as regras e avaliar os perigos dessas ferramentas", diz a filósofa Tania Zagury, mestre em educação. Além de prevenirem o filho sobre os riscos, pais conectados ganham um novo canal de diálogo com os adolescentes, que, nesta fase, tendem a se afastar do convívio familiar. Se o jovem é muito tímido, a atenção deve ser redobrada. "Abdicar do convívio social para se 'esconder' nas redes sociais aumenta o risco de depressão", diz o psicoterapeuta de adolescentes e adultos Miguel Perosa, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Veja o que dizem os especialistas sobre a adolescência e as redes sociais.

ILUSTRAÇÕES STEFAN

IDADE MÍNIMA

O Facebook aceita apenas o cadastro de pessoas a partir de 13 anos. Permitir que o filho crie seu perfil antes disso reforça a ideia de que a internet é uma terra sem lei – o que, mais cedo ou mais tarde, pode se refletir em comentários desrespeitosos ou preconceituosos na rede. "É como dar um carro ao filho antes de ele completar 18 anos. Mesmo que ele já saiba dirigir, essa é uma forma de ensiná-lo a desrespeitar as leis", diz a filósofa Tania Zagury

AMIZADE VIRTUAL ENTRE PAIS E FILHOS

Quando o diálogo entre pais e filhos é natural, a amizade entre eles no meio digital se torna uma extensão da relação doméstica. "Entretanto, se não existe uma aproximação entre o adolescente e a família, a amizade virtual pode fazer com que o filho se sinta invadido e constrangido", diz o psicoterapeuta Miguel Perosa. Outro fator a ser considerado: quando a intenção é exclusivamente vigiar as ações do filho, o efeito é apenas paliativo. Afinal, a rapidez com que mensagens são compartilhadas torna praticamente impossível impedir a propagação de fotos e comentários inadequados, mesmo depois de apagados

CRÍTICAS E COMENTÁRIOS

"Os pais têm o direito e o dever de definir o que pode ou não ser publicado. Afinal, eles são os responsáveis legais pelos atos do filho", diz Tania Zagury. E as regras, segundo a educadora, devem ser as mesmas para todos os filhos, do mais irresponsável ao mais sensato. Mas, se precisar criticar algum post ou tuíte mal-educado, preconceituoso ou até mesmo com erro de português, jamais deixe recado em público: a conversa deve ser sempre em particular. Os adultos devem também aprender a se comportar na rede. "Nada de deixar comentários que envergonhem o jovem perante os amigos. Os pais devem sempre ter em mente que há uma geração entre sua turma e a do filho", diz a psicóloga Leila Tardivo, professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)

TER OU NÃO TER A SENHA

Os especialistas acreditam que o consentimento do jovem para que os pais acessem seu perfil com sua senha é fundamental. Ou seja, se os pais optam por conhecer a senha do filho, devem resistir à tentação de bisbilhotar os passos virtuais do adolescente. Nesse caso, a senha deve ser acionada apenas se houver indício sério de que algo está errado – como mudanças de comportamento, por exemplo

NOVAS AMIZADES

Cabe aos pais alertar os filhos sobre a presença de perfis falsos, pedófilos e grupos com conteúdo inadequado nas redes sociais. Eles podem impor, por exemplo, a condição de que o filho só mantenha na lista de contatos as pessoas que conhece fora do ambiente virtual, como os parentes e os colegas da escola e do condomínio

SMARTPHONE COM INTERNET ILIMITADA

Nesse caso, o ideal é impor limites ao uso em locais e situações inapropriados. Proibir o uso do aparelho na escola, por exemplo, é tarefa tanto dos pais como dos professores. "O educador também é responsável por ensinar crianças e adolescentes a respeitá-lo, discutindo em sala de aula o uso adequado do smartphone", diz Miguel Perosa. Em casa, o exemplo vem dos pais. Se durante o jantar o pai dá mais atenção ao celular do que à família, o filho tende a repetir o comportamento em sala de aula

CASTIGO

Cortar ou restringir o acesso à internet pode, sim, ser uma lição quando o adolescente tem baixo rendimento escolar ou deixa de cumprir seus deveres. "Punir é uma forma de educar, mas a punição deve ser previamente estabelecida de forma clara", diz Tania Zagury. Uma vez definido, o castigo tem de ser aplicado se houver a violação da regra, ou a autoridade dos pais fica comprometida. Em outras palavras: se prometer, cumpra

"Meu filho não sai da internet"

Pais de adolescentes costumam repetir essa frase com certa frequência. Como os jovens pertencem a uma geração que se comunica por meio da internet, eles tendem a passar muito tempo conectados. "Não se pode 'psicologizar' um comportamento natural. É normal que o pessoal dessa idade queira passar horas e horas em frente ao computador. Cabe aos pais impor regras e limitar o tempo", explica o psiquiatra Ricardo Moreno, do Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo. Alguns adolescentes, porém, atravessam a linha da normalidade rumo à compulsão. E esse não é um distúrbio raro. Pessoas com tendência à compulsão repetem o comportamento prazeroso — navegar na internet é um deles — a ponto de causar prejuízo às atividades do dia a dia. O jovem que apresenta queda no desempenho escolar, perde o interesse por atividades que antes despertavam prazer e, quando não está conectado, tem reações desproporcionais de irritação e agressividade pode ser compulsivo por internet. Nesse caso, os pais devem procurar o pedagogo da escola ou um psicólogo para avaliar se uma terapia é necessária.

Web mais segura

Embora o diálogo familiar seja uma arma poderosa contra as armadilhas da internet, a tecnologia também pode e deve ser usada a favor dos pais. Além de protegerem computadores, tablets e smartphones contra vírus e programas espiões, os softwares de segurança desenvolvidos por empresas como McAfee, Norton e Microsoft permitem que os pais controlem a navegação dos filhos pela web. Os especialistas recomendam que esse tipo de programa nunca seja instalado à revelia dos jovens. "Isso evita que o adolescente fique tentando burlar o sistema de segurança, sem saber o motivo pelo qual não consegue acessar um site bloqueado ou enviar uma informação privada. Ciente do programa, ele poderá pedir autorização aos pais se precisar fazer algo que o software impede", diz José Matias, diretor de suporte técnico da McAfee para a América Latina. Veja os principais recursos dessas ferramentas de segurança:

- tempo de navegação: além de limitar as horas de acesso à internet pelo computador, o programa pode bloquear a navegação na web pelo smartphone durante o período escolar;
- conteúdo inadequado: o software bloqueia sites de determinadas categorias, como os pornográficos, ou sites específicos, determinados pelos pais;
- envio de dados pessoais: para evitar que o adolescente divulgue dados como endereço, telefone ou número de cartão de crédito, o programa embaralha os caracteres sempre que o usuário tenta enviar ou publicar nas redes sociais informações predefinidas pelos pais como privadas;
- antivírus: o programa protege o computador de diversos tipos de malware, inclusive aqueles propagados por redes sociais.

Dica do especialista: para garantir que o jovem não desabilite o sistema de segurança, instale o software no computador acessando-o através de uma senha de administrador — e, claro, não informe a senha ao filho. Nesse caso, o jovem tem acesso ao computador por meio de outra senha, que não permite ao usuário alterar configurações.

Bullying 24/7

As redes sociais potencializaram os efeitos do bullying, uma vez que tornam as chacotas e as ameaças, antes restritas ao ambiente e horário escolar, ainda mais constantes, públicas e invasivas. "Os adultos devem interferir sem hesitação quando o bullying é detectado. Além de comunicarem o problema à escola, eles podem, por exemplo, ajudar o adolescente a elaborar uma resposta irônica a uma provocação nas redes sociais", diz a psicóloga Leila Tardivo, professora da Universidade de São Paulo. Saiba identificar os sintomas mais comuns de bullying em crianças e adolescentes:

- resistência em ir à escola;
- queda no desempenho escolar;
- dor de cabeça;
- perda de apetite;
- insônia;
- isolamento social;
- irritabilidade e agressividade.

ILUSTRAÇÕES STEFAN

Utilização de imagens para fins educacionais

Fonte: Veja, São Paulo, ano 46, n. 1, p. 86-88, 2 jan. 2013.